

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ELIANE PEREIRA DA SILVA

***Vidas Secas e Era um Poaeiro, A projeção do personagem
sertanejo na literatura moderna.***

Pontes e Lacerda – MT

Dezembro / 2013

ELIANE PEREIRA DA SILVA

***Vidas Secas e Era um Poaeiro, A projeção do personagem
sertanejo na literatura moderna.***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Letras – Campus Universitário
de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação
da Prof.^a Dra. Madalena Aparecida Machado,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Letras

Pontes e Lacerda – MT

Dezembro / 2013



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Madalena Machado (Orientadora)

Prof. Dr. Helvio Moraes (UNEMAT)
Membro

Profª Ma. Vanderluce Moreira Machado Oliveira (IFMT)
Membro

Pontes e Lacerda - MT
Dezembro/2013

Epígrafe

O mundo é vasto, e, no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas; distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um ao outro, pois o fogo é a alma de toda luz e de luz veste-se todo fogo. Todo ato da alma torna-se, pois, significativo e integrado nessa dualidade: perfeito no sentido e perfeito para os sentidos; integrado, porque a alma repousa em si durante a ação; integrado porque seu ato desprende-se dela e, tornado si mesmo, encontra um centro próprio e traça a seu redor uma circunferência fechada. [...] (Georg Lukács).

Agradecimentos

Agradeço

Primeiramente a Deus por ter me dado forças em todos os momentos dessa trajetória, por não ter me abandonado mesmo nos momentos de fraqueza em que eu pensava não aguentar mais, por ser minha proteção e meu refúgio.

Ao meu pai Adenil Gomes da Silva que mesmo não estando mais entre nós fisicamente, está sempre presente em meu coração e tenho certeza de onde ele está sempre esteve olhando por mim e torcendo pela minha vitória. Agradeço também a minha mãe Maria Antônia por ter acompanhado de perto minha luta, pelo apoio e compreensão.

A toda minha família que torceram por mim, em especial a minha querida irmã Eleni por tudo que passamos ao longo desse percurso, por ter sido amiga, compreensiva, pelo incentivo, pelas lágrimas que choramos juntas e pelos momentos felizes e de glória que compartilhamos.

Agradeço

Em especial a Professora Doutora Madalena Machado, suas aulas que despertaram em mim o gosto pela literatura, agradeço por me orientar neste trabalho, pela disposição, dedicação e paciência.

A todos os mestres que contribuíram para minha formação durante todos esses anos. Aos colegas e aos amigos que me incentivaram durante esta trajetória me dando forças e pelas palavras de apoio.

Aos colegas de trabalho em nome de duas pessoas que foram de importância essencial para mim Elaine Freitas Guimarães e Maria Aparecida Prado de Oliveira pela compreensão e apoio nos momentos que precisei.

Agradeço a todas as pessoas que estiveram do meu lado e que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho, aos que me apoiaram e que acreditaram em mim. Essa vitória dedico a todos vocês.

Dedicatória

Dedico este trabalho à pessoa mais importante da minha vida, a minha rainha digna de toda majestade. Mãe, obrigada pela sua presença constante, pelo apoio, pelo incentivo, por me esperar chegar da faculdade para ter certeza de que tudo estava bem.

Obrigada por sempre cuidar de mim, embora muitas vezes eu não gostar da super proteção, hoje entendo que você só quer o meu melhor, agradeço por aguentar minhas crises, minhas teimosias, pelo respeito aos meus momentos em que queria ficar quieta, ali no meu canto, sem perguntas e sem respostas.

Agradeço a você por não me deixar desistir, mesmo nos momentos mais difíceis durante toda essa trajetória, por estar sempre ao meu lado sempre repetindo: “Vai dar tudo certo, Deus vai te abençoar”. Sem dúvidas foram suas palavras e a proteção divina que me deram forças até aqui.

Sei que palavras nunca conseguirão expressar a gratidão e o amor que tenho por ti, mas nesta singela homenagem quero deixar aqui um pouquinho de tudo que você representa pra mim, Eu ti amo mais do que tudo em minha vida e neste momento só posso lhe dizer, muito obrigada minha mãe, por me dar a vida, pelo seu amor, carinho, apoio, cuidado e dedicação e por me permitir ser o que hoje sou. Esta vitória também é sua. Mais uma vez muitíssimo obrigada!

Resumo

O presente trabalho visa discutir a projeção do personagem sertanejo na literatura moderna com base no estudo das obras **Vidas Secas** de Graciliano Ramos e **Era um poaeiro** de Alfredo Marien. Com uma leitura crítica desses romances, buscaremos compreender como se dá a configuração desses personagens em relação aos seus espaços. Abordaremos a forma que o regionalismo se faz presente na modernidade e como esta tendência se eleva a uma dimensão universal.

Palavras-Chaves: Regionalismo, sertanejo, espaço, universalismo.

Abstract

This paper aims to discuss the projection of backcountry character in modern literature based on the study of works **Vidas Secas** of Graciliano Ramos and **Era um poaeiro** of Alfredo Marien. With a critical reading of these novels, try to understand how is the configuration of these characters in relation to their spaces. Discuss the way that regionalism is present in modernity and how this trend rises to a universal dimension.

Key- Words: Regionalism, backcountry, space, universalism.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
I.A PRESENÇA DO REGIONALISMO NA LITERATURA MODERNA	11
II. FABIANO E BRASILINO, UMA RELAÇÃO ENTRE OS PERSONAGENS SERTANEJOS NO REGIONALISMO.....	24
I.II Do regionalismo ao universalismo	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

Introdução

O presente trabalho visa um estudo sobre a projeção do sertanejo na literatura moderna com base na leitura crítica dos personagens, Fabiano da obra de Graciliano Ramos, **Vidas Secas**, romance publicado em 1938 e Brasilino, da obra mato-grossense de Alfredo Marien, **Era um poaeiro** publicado em [1944] (2008).

No primeiro capítulo abordaremos a forma que o regionalismo se faz presente na literatura moderna e algumas características relevantes dessa tendência, como também a apresentação das obras estudadas. Partindo da leitura crítica dos protagonistas, abordaremos a questão das injustiças sociais, a exploração e situações precárias em que vivem e a forma que eles enfrentam seu espaço.

No segundo capítulo faremos reflexões acerca dos personagens sertanejos, a forma em que eles são inseridos no campo literário através do romance regionalista e como são configurados em duas regiões distintas. Destacaremos a humanização dos animais ocorrentes em ambas as narrativas como também a forma em que esses personagens lutam pela sobrevivência diante de todas as adversidades impostas pelo espaço em que estão inseridos e pela marginalização social.

Na sequência abordaremos a forma que os romances regionalistas passam a ser considerados universais, destacando a humanidade que se faz presente nessas narrativas e a maneira em que estas se configuram a ponto de representar não somente o indivíduo de determinada região, mas como são capazes de atingir os leitores de qualquer parte do mundo.

I.A presença do regionalismo na literatura moderna

No presente estudo apresentaremos inicialmente algumas características do regionalismo e como ele se faz presente na literatura moderna. Em busca de uma maior compreensão sobre esta tendência literária, nossa proposta de pesquisa será voltada para dois romances especificamente marcados pelo período regionalista um deles é **Vidas Secas** (2012), considerada a obra principal publicada por Graciliano Ramos (1892– 1953) e o outro **Era um poaeiro** (2008), conforme pesquisamos a única obra publicada por Alfredo Maríen, autor Francês mas que se considerava mato-grossense de coração. Nestas narrativas daremos enfoque para a projeção do personagem sertanejo e sua relação com o meio em que se encontra. O romance regionalista brasileiro também denominado romance de 30 surgiu por volta de 1928, é composto por obras ficcionais escritas por autores brasileiros que visam destacarem como pano de fundo em suas narrativas, principalmente o sertão nordestino e o gaúcho. Este período compreende uma relação de um país até então desconhecido, de um lado, uma fase de modernização e grandes avanços tecnológicos nos grandes centros urbanos, com costumes influenciados pela cultura européia e, de outro, a classe menos favorecida composta por seres que viviam à margem desse progresso, nas zonas rurais e nos sertões em meio à secas e condições precárias de vida, mas que mantinham vivos os traços culturais da região.

Com o intuito de construir uma identidade para as diversas regiões brasileiras, o período regionalista é marcado por duas fases, a primeira por aquela visão propiciada pelo Romantismo em que os autores descrevem a sua terra com exaltação, beleza e cores de forma que seja idealizada a pátria perfeita. A segunda ocorre no período realista em que não há mais a preocupação de exibicionismo e vanglórias à terra, os autores desse período buscam retratar nos romances a vida o mais próximo da realidade possível, expondo as desigualdades sociais, as injustiças, a complexidade humana e seu meio.

Nestes romances podemos observar que o regionalismo nos permite uma visão não somente dos grandes centros urbanos, como também representa o ambiente rural das classes oprimidas que vivem às margens da sociedade capitalista que até então estavam esquecidas. Tanto o sertanejo nordestino quanto o mato-grossense tem destaque nestas obras de forma que os autores descrevem suas vidas buscando uma aproximação com a realidade. No livro **O caráter social da ficção no Brasil** (1987) o autor defende que:

Enquanto o modernismo falava principalmente ao espírito de renovação estética não obstante o seu humanitário conteúdo social, o seu nacionalismo pouco sistemático é com o romance nordestino que os problemas sociais se aguçam e se tornam um painel de cores vivas e expressivas. (LUCAS, 1987, p.46)

Vimos que o regionalismo surge com força maior ao retratar o homem nordestino, a figura do retirante que vive castigado pela seca, oprimido pela sociedade e que se animaliza na tentativa de sobreviver, depois se expande para outras regiões e que se faz presente na literatura moderna com o intuito de representar a vida brasileira em todos seus aspectos. Em contraste com o sertão nordestino, na região interiorana do Mato Grosso o destaque desse período é voltado para as densas matas fechadas, a chuva, a luta dos poaeiros com os fenômenos naturais e os perigos por eles enfrentados. Os personagens lutam por sobrevivência encarando fatores distintos, mas que são marcados pelo excesso de chuvas, secas, doenças, bichos e também conflitos internos.

De acordo com o que aponta Massaud Moisés (1997): “O romance apresenta uma visão global de mundo, sua faculdade essencial consiste em recriar a realidade (...)”(p.165). Com uma linguagem clara e bastante descritiva é que Graciliano Ramos e Alfredo Marien proporcionam ao leitor, seja ele de qualquer região do país, uma aproximação das catástrofes naturais enfrentadas pelos protagonistas, do poder que a natureza exerce sobre esses seres e também históricas, devido a possibilidade de relacionar a crítica social presente nestas obras com o governo e a sociedade da época.

Marien descreve a região mato-grossense resgatando as tradições do Estado, destacando as verdes matas de poaia e a vida sofrida dos poaeiros em contraste com o progresso e desenvolvimento urbano de São Paulo. Nestas obras o regionalismo nos apresenta a figura do sujeito rústico que não é influenciado pela sociedade urbana, nas duas narrativas os personagens são isolados, mas não em sua totalidade, pois estão próximos da cidade, formando assim um contraste entre campo e cidade.

Por se tratar de dois romances regionalistas é possível destacar a forma que esses autores procuram apresentar a verdade sobre os personagens de classes inferiores, marcados pela exploração e que vivem isolados do progresso dos grandes centros destacando-os, tanto que em ambas as narrativas eles são protagonistas representando assim o lado humano com um enfoque maior. Não há mais a preocupação de colocar determinada região do país como a representação do belo e exótico, ocorrendo assim a desmistificação criada no período

romântico. Afrânio Coutinho observa na obra **A literatura no Brasil** (2004) que o período entre o século XIX e meados do século XX que corresponde à tendência do regionalismo realista, busca reproduzir os costumes de determinada região, as falas de alguns grupos regionais, como também os problemas e conflitos ocorridos no interior do país. No período romântico o regionalismo se apresentava de forma saudosista e com escapes, havia sempre um sentimento de encobertar a realidade, tudo era expresso com muita perfeição. No regionalismo realista há o rompimento dessas características dando lugar para a compreensão do ser humano diante de seu meio, retratando as reações do homem na convivência com sua cultura e costumes de uma forma mais verossímil. Afrânio Coutinho ressalta ainda que o regionalismo apresenta características tipicamente brasileiras tais como:

[...] O sertanismo, a valorização e idealização do sertão e do tipo do sertanejo. No início, era um processo de idealização e sentimentalismo, de feitio otimista, através do qual o sertão é visto somente no seu aspecto róseo, o sertão bom e saudável, povoado de criaturas boas, sadias e vigorosas, de almas puras. É o Brasil supostamente mais brasileiro. Numa fase mais tardia, esse sertanismo corrompeu-se no caipirismo, representação caricatural e grotesca (...) (2007, p.204).

Podemos compreender através dos personagens dos romances estudados a representação ficcional do que é a vida do sertanejo e sua relação com a natureza em destaque, o que nos chama atenção é que em ambos os romances o homem é o protagonista, sendo ele a representação coletiva do sertão. Enquanto a personagem feminina fica em segundo plano, Sinhá Vitória, por exemplo, podemos apontá-la como uma mulher astuta que sabia fazer contas e sempre alertava o marido que estava sendo trapaceado pelo patrão. Ela sonha com um futuro melhor para seus filhos e não se conforma com a vida que tem, ambiciosa, deseja ter uma cama de couro igual a do seu Tomas da bolandeira. Teresa, a noiva de Brasilino de **Era um poaieiro** é uma moça prendada que tece, cozinha, cuida dos irmãos mais novos e ainda ajuda nos afazeres da casa e da horta. A mãe do personagem também é configurada de forma importante para ele e nas suas decisões, pois é ela que o aconselha sobre a relação de inimizade entre ele e Gonçalo, permite que Bojuí vá visitar o irmão na mata ao saber que ele estava doente, apóia e acolhe a noiva do filho quando ela sai de casa para não ser obrigada a se casar com Gonçalo.

Vidas Secas de Graciliano Ramos, publicado em 1938 relata a vida sofrida de uma família de retirantes sertanejos composta por Fabiano, o protagonista da obra, sua esposa Sinhá Vitória, e seus dois filhos apenas identificados como “menino mais velho” e “menino mais novo”. A obra é composta pelo cenário do sertão nordestino, com toda projeção de seca, fome e miséria. A família de retirantes vive nesse meio, sempre em busca de uma maneira melhor de sobrevivência. O romance é narrado em terceira pessoa e dividido em 13 capítulos, alguns deles intitulados pelo nome dos personagens e também do animal de estimação da família, a cachorra baleia, o papagaio que também é importante na história, ele não fala, apenas imita os latidos de baleia, pois são os únicos sons que ele costuma ouvir e quando a fome assola a família de retirantes, ele é morto e serve de comida para eles, Sinhá Vitória justifica que ele era mudo e inútil e não mudaria, o que nos faz pensar a realidade dos próprios personagens. Apenas o primeiro capítulo, “Mudança” e o último, “Fuga”, que mantém uma ligação entre si, como se a vida sofrida desses retirantes fosse um ciclo sem fim. Pois no primeiro capítulo a família está se deslocando em busca de sobrevivência, até que encontra uma fazenda a princípio abandonada e ficam lá por um tempo, no último capítulo, quando a seca e a miséria volta a assolar o sertão, novamente eles partem fugindo das circunstâncias, pois não conseguem enfrentá-las. Fabiano, o protagonista dessa narrativa, o qual tomaremos como objeto de estudo, é a representação do sujeito ingênuo, que vive longe da civilização, é descrito como um homem rude, que não tem domínio das palavras e tenta culpar alguém pela vida difícil que leva: “Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário.” (RAMOS, 2012, p. 10).

Por meio desse fragmento podemos observar que o personagem apresenta conflitos no mundo em que vive. Antonio Candido (1993) ao elencar características sobre o período regionalista, afirma que é o senso da terra e da paisagem que dá condições de vida a uma determinada região, ou seja, as condições precárias de vida do personagem o fazem tornar-se um sujeito com atitudes rudes e traços animais, em dado momento, ele se vê como homem, mas logo depois afirma para si que ele não passa de um animal:

E pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-o murmurando:

-Você é um bicho Fabiano.
Isto para ele era motivo de orgulho. (RAMOS,2012, p.18).

Fabiano vive isolado e se identifica mais com os bichos que convivem próximos a eles do que com os humanos, o título da obra representa não apenas a seca em si, mas também a secura interior desses personagens que lutam para sobreviver em meio ao caos do sertão nordestino, suas vidas são secas. Antonio Candido afirma ainda que: “(...) a região não era apenas motivo de contemplação, orgulho ou enlevo; mas também complexo de problemas sociais, sobrelevando a perda de hegemonia político- econômica.” (1993, p. 271). Isso fica explícito na obra graciliana, já que nos remete a uma crítica social, mostrando a dura realidade do povo nordestino como ela é, sem máscaras. O personagem não tem perspectivas de uma vida melhor, apenas quer sobreviver. Em raros momentos no decorrer do enredo o narrador descreve os pensamentos de Fabiano, este se imagina em uma vida totalmente diferente da que vive:

Eram todos felizes. Sinhá Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinhá Vitória remojaria, as nádegas bambas de Sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinhá Vitória provocaria a inveja das outras caboclas. (...) A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. (RAMOS,2012,p.16)

Por outro lado, Fabiano acredita que sua sina estava traçada para desviar das barreiras, pois não saberia lidar contra elas, não havia frequentado a escola e não tinha o poder de comunicação, portanto, nascera para obedecer, sem discutir ou questionar. O personagem apresenta uma visão conformista diante da situação que vive, para ele não adiantaria lutar, querer ter uma vida melhor, pois nada iria mudar, ele nascera para ser assim e continuaria sendo apenas um sobrevivente diante dos obstáculos aos olhos das mazelas sociais.

Graciliano Ramos ao dividir a obra em capítulos que não são sequenciais e não depende um do outro, nos permite relacionar essa divisão com a solidão enfrentada pelo sertanejo em que cada um deve lutar pela sua sobrevivência sem depender dos outros. Fabiano e sua família não se comunicam, as raras vezes que se falam usam apenas monólogos e onomatopéias, quando o filho aproxima-se para lhe fazer alguma pergunta, o pai se irrita pelo fato da criança querer saber respostas que ele não tem capacidade de dar. Fabiano sentia-se bem com sua ignorância e tinha uma visão de que não teria obrigação de saber o que responder aos filhos.

É possível observar que o ser ficcional é dominado pelo espaço que vive, ele se sente incapaz diante das circunstâncias, as falas dos personagens aparecem muito pouco na narrativa, o narrador é quem fala por eles, ou seja, esses seres não têm voz para se impor diante das situações, afinal quem os escutaria? No momento em que Fabiano vai preso pelo soldado amarelo, ele se sente injustiçado, mas fora acostumado a obedecer, afinal não teria argumentos para discutir:

Nunca vira escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (RAMOS, 2012, p. 35).

Além disso, fica explícito na obra o abuso de poder por parte das autoridades, uma crítica social que o autor faz diante da realidade vivida por pessoas menos favorecidas e que são excluídas do meio social, o que os tornam ainda mais desumanos, pois não tem com quem contar, vivem em um mundo isolado sendo pouco a pouco tragados pela força do espaço que ocupa, sem domínios e sem perspectivas. É possível destacar a crítica social de Ramos partindo do episódio inicial em que Fabiano e a família são mandados embora sem nenhum tipo de recursos e são obrigados a seguir pelo sertão sem nenhum destino. Também no momento em que o senhor Tomás da bolandeira rouba nas contas e, ao questionar, Fabiano é ameaçado de ser expulso da fazenda. Outro ponto marcante dessa crítica é quando o personagem se recorda do ocorrido em anos atrás em que ele se desloca até a cidade para fazer a venda de um porco e um funcionário da prefeitura alega que para efetuar a venda ele teria que pagar uma quantia em impostos.

Podemos perceber que apesar de todos os conflitos proporcionados pela seca, miséria e fome, os personagens ainda têm que enfrentar a opressão governamental e das pessoas pertencentes à classe dominante. Além disso, quando a família vai à festa de comemoração natalina na cidade, eles se sentem humilhados por não conseguirem se adaptar em meio a outras pessoas com costumes diferentes, Sinhá Vitória não se sente bem pelo fato de não conseguir se equilibrar nos sapatos, Fabiano bebe muito e demonstra valentia na intenção de que alguém o veja ou ouça, os meninos e a cachorra Baleia também não se harmonizam com esse local, pois não é o mundo deles sentindo-se assim deslocados.

Já a obra mato-grossense de Alfredo Marien **Era um poaeiro**, publicada em 1944, sendo reeditada em 2008, relata uma visão sertanista de outro ângulo, o cenário é projetado no interior de Mato Grosso, uma região rica pelo ambiente das verdes matas de poaia, “uma pequenina rubiácea, que atinge pouco mais de um palmo de altura e cujas raízes aneladas contêm substâncias preciosas” (MARIEN, 2008, p.57). Com a descoberta e exportação da poaia, houve uma reviravolta no setor econômico do Estado, a erva era colhida e vendida para a Europa com fins medicinais. O poaeiro surgiu em meados do século XIX, era aquele que colhia a poaia e também foi responsável pelo povoamento em algumas regiões do Mato Grosso, notadamente, Cáceres, Tangará da Serra e Barra do Bugres onde havia maior concentração da erva.

Este romance também é narrado em terceira pessoa e visa resgatar traços culturais do Estado, além de descrever a região e a vida dos poaeiros com mínimos detalhes. O protagonista dessa narrativa é Brasilino que se dedica à colheita de poaia e em zelar pelo bem estar de sua mãe e seus irmãos mais novos. Ele é um sujeito honesto, íntegro e que sonha em casar-se com Tereza, mas que também apresenta seus momentos de fraqueza como no momento em que ele fica com a consciência pesada ao pensar na possibilidade de lucrar sobre os companheiros e também em quase permitir que alguns deles se apropriassem do salário do colega Elpídio que fora devorado pela onça. Esta constatação nos leva a pensar na humanidade que esse personagem representa, com qualidades, mas que também tem suas falhas. Brasilino tem grande apreço pelos seus dois animais de estimação, Rosilho, o cavalo e Guará seu cachorro que recebem tratamentos como humanos, Guará o companheiro fiel que não o abandona nem diante de sua morte.

Esta obra está dividida em vinte e cinco capítulos, alguns intitulados por nomes dos personagens e que trazem descrições sobre eles, um deles que leva nome e é dedicado a descrição da cidade mato-grossense, Tangará. Também há um capítulo dedicado ao Pé de garrafa, que é uma lenda existente somente em Mato Grosso. Enfatizamos que o autor nesta narrativa busca resgatar a cultura, as crendices e as festividades do Estado de forma que estes fatores influenciem na reflexão e conscientização do povo sobre si mesmo e a formação de sua identidade. As duas narrativas abordam os personagens em conflito com seu meio, no sertão nordestino, Fabiano e sua família precisam enfrentar a seca, a vida miserável que levam, as injustiças e opressões para sobreviver, enquanto Brasilino e seus companheiros encaram o excesso de mata, chuvas, insetos e doenças no período da colheita de poaia em busca do sustento próprio e de suas famílias. Esses conflitos refletem a importância da compreensão do ser humano isolado dos grandes centros e do poder governamental. O

personagem nordestino deve obediência a tudo que as leis lhe impõem, ele não tem alternativa, os poaeiros por sua vez faziam sua própria lei, um dos pontos que podemos destacar é a negociação entre Vicente e Gonçalo. O pai de Tereza na intenção de quitar a dívida oferece a mão da filha em troca sem dar importância aos sentimentos da jovem, noiva e apaixonada por Brasilino.

Conforme o pensamento de Massaud Moisés (1997), nos romances a representação do cenário é de suma importância, tanto que às vezes é ele que tem a função decisiva de configurar o personagem. Nas narrativas em estudo os personagens têm a natureza como projeção daquilo que eles são, Fabiano para conseguir sobreviver com a falta de água, o sol escaldante, o descaso dos poderes públicos e das injustiças sociais se reduz à condição animal:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pedia para um lado, cambaio, torto e feio. [...] (RAMOS, 2012, p. 20).

Nesta busca incessante pela sobrevivência a família de retirantes no momento em que não pode mais contar com a ajuda da natureza em extrair a comida da terra, das árvores e saciar a sede nas águas dos córregos, eles matam o papagaio, animal de estimação, para saciar a fome. Na narrativa alfrediana no período em que Brasilino está juntamente com seus companheiros acampados nas matas de poaia, são inúmeras batalhas travadas contra as doenças, como febre, vermes e feridas, as feras que podem vitimá-los, os índios que podem atacá-los, a constante luta do homem e a natureza. Mesmo assim eles são resistentes, pois sabem que será desse trabalho árduo que permitirá seu sustento e que após alguns meses voltariam para suas casas com o propósito de cuidar de seus sítios e recuperar a saúde perdida durante o tempo passado na mata. Embora “Ao encarar de perto a luta que os esperava, sentiam-se pequeninos e frágeis, como soldados que vão para a batalha.” (MARIEN, 2008, p.58). Os poaeiros têm noção que as grandes matas são inimigas, mas eles não perdem as forças em busca de dominá-las.

Antonio Candido em sua obra **Formação da Literatura Brasileira** (1993) afirma que: “(...) o homem natural é sempre aquele herói cuja bondade inata é posta a prova pelas vicissitudes da vida social, e sabe, não obstante, triunfar delas pela fidelidade com que segue a

voz das disposições profundas”. (1993, p. 56). Mesmo sabendo de todos os perigos que correm, os poaeiros juntamente com o chefe da comitiva não desistem de buscar melhorias e enfrentam todas as barreiras oferecidas pelo meio que os cercam. Ambos têm a natureza como uma inimiga implacável, mas enquanto os poaeiros são fortes o suficiente para enfrentá-la, Fabiano apenas busca se adaptar a este meio embora inconformado sabe que esta é sua única saída, pois não consegue dominar os obstáculos que o cercam.

No romance alfrediano há a presença de traços do Romantismo por apresentar um triângulo amoroso entre Brasilino, Tereza e Gonçalo, este último maior inimigo do protagonista e que também é apaixonado por Tereza, que por sua vez se vê sem saída, pois seu pai possui uma dívida com Gonçalo e quer entregá-la como uma forma de quitação. Brasilino não se sentia nada confortável com esta situação:

Na bem aventura desse amor, só havia uma nuvem. Ardente ciúme lhe enchia o coração, quando Brasilino pensava no atrevimento do Gonçalo, jovem negociante que teimava em perseguir a Tereza, embora repellido pela moça. O pai dela Vicente devia qualquer coisa a esse rapaz, e, à sombra dessa dívida, volta e meia ele aparecia no Assai todo cheio de perfumes baratos e sempre bem recebido pelo velho. Brasilino andava bem informado de tudo isso, e daí a sua pressa de acabar com essa perigosa situação. (MARIEN, 2008, p.31).

Entretanto, o foco nesta obra está voltado para as características realistas em que o autor descreve minuciosamente os fatos como realmente são e não como o leitor gostaria que fosse. Isso também ocorre no romance **Vidas Secas** em que todo o ambiente, o sofrimento e dificuldades enfrentadas pelos sertanejos são postos de maneira que o leitor é capaz de se sensibilizar e se reconhecer na obra através dos personagens, pois também estão em busca de algo e para isso deve enfrentar inúmeros obstáculos. No livro **O caráter social da ficção do Brasil** (1987), o autor Fábio Lucas elenca que somente aquela personagem que se identifica com o destino de sua classe pode ter uma visão total da sociedade, e por encarnar essa totalidade é que esta denuncia os obstáculos no cenário social. Esses personagens não estão representando apenas si mesmos, como toda a classe oprimida de pessoas castigadas pela calamidade exploratória.

Em sua escrita Alfredo Marien busca resgatar traços da cultura mato-grossense que se perderam com o processo de modernização e colonização, como o hábito de tomar guaraná, os tratamentos de doenças por meio de ervas, as crendices, as festividades como a dança do

cururu que ainda hoje permanecem vivas em algumas cidades do Estado e é justamente em uma roda de cururu que Brasilino é morto pelas mãos de seu inimigo Gonçalo. Neste romance podemos observar o contraste entre a cidade grande e o campo, Brasilino em uma oportunidade que teve de visitar São Paulo se sentiu perdido no meio de tanta gente, sabia que ali a vida com certeza seria mais fácil e divertida, mas nesse meio ele teve uma enorme sensação de isolamento tudo era tão distante de seu mundo, ao que ele estava acostumado.

Sentira-se num mundo e num século completamente diferentes, que não eram seu século nem o seu mundo. Sentira-se como bandeirante do século dezessete que ressurgisse de repente no lago da Sé, desambientado e só. Ao passo que aqui, sozinho, em plena natureza, sentia-se tão bem no gozo deste majestoso panorama, deste silêncio vivo e desta liberdade! Estava sozinho sim, mas, como dizia o seu finado pai, estava com Deus. (MARIEN, 2008, p. 42).

Apesar de levar uma vida difícil no meio da colheita de Poaia o personagem sente-se bem no sertão e pretende continuar ali em seu lugar, preferia o silêncio e sossego que o sertão lhe propiciava do que o barulho e o progresso da cidade grande vista como assombrosa e infinita.

A leitura desta obra nos proporciona uma viagem ao passado já que hoje não existem mais as matas de poaia devido ao desmatamento abundante e na época não havia o ato de replantio. O autor busca resgatar o duro trabalho dos poaeiros e a exploração que estes sofriam, com este recurso é possível conhecermos melhor como foi a vida dessas pessoas e o sofrimento por elas enfrentados. Desde o primeiro capítulo intitulado “A partida”, já temos uma visão das dificuldades que esses personagens irão passar, pois é o momento em que Brasilino e sua comitiva partem no meio da madrugada, deixando seus lares e famílias:

Mal se enxergavam, no terreiro, os bois de cangalha, deitados perto do rancho, onde o pessoal já se movimentava, à luz de uma lamparina, desatando as redes, preparando as cargas, fechando as bruacas ajuntando ferramentas, vasilhame, enfim toda a tralha da comitiva, no meio de perguntas e risadas provocadas pelos encontros (MARIEN, 2008, p.27).

Embora o poaeiro seja visto como pertencente a um grupo marginalizado e ter uma vida de caráter exploratório, é ele que contribui para a comercialização da poaia e para a

economia do Estado, ao mesmo tempo em que este se mantém distante da civilização e do progresso ele é a figura principal neste desenvolvimento. No Brasil as vendas da poaia eram destinadas para o Estado de São Paulo em que neste período passava por grandes transformações também era exportada diretamente para a Europa onde era industrializada e se tornava um remédio muito procurado na época.

Tanto **Era um poaeiro** quanto **Vidas Secas**, embora sejam projetados em cenários bem diferentes, os autores tentam manter um retrato real da vida destes sertanejos, obras de caráter ficcional, mas que buscam uma proximidade com o mundo desses personagens. Sendo assim possível uma interpretação da realidade através da ficção. Leyla Perrone-Moisés (1990) ressalta que o papel da literatura é ampliar o conhecimento humano daquilo que é real, mesmo que este não tenha uma representação fiel, mas que consiste em construí-lo e reconstruí-lo de forma que lhe atribui valores que este não tem.

Para alguns críticos o regionalismo é considerado ultrapassado por ter o foco voltado para uma determinada região e destacar o ser que ali habita de forma preconceituosa, para eles essa visão não representa a sociedade contemporânea. No entanto, podemos considerar que o regionalismo está em constante evolução dentro da literatura e não preso ao passado buscando, não apenas a representação de um espaço geográfico, como também retratar a realidade e resgatar características tradicionais de identidade de determinados grupos com a essência do mundo contemporâneo.

Nos romances em estudo podemos sublinhar também o contraste entre os fatores climáticos decorrente das duas regiões, enquanto em **Vidas Secas** a batalha entre os personagens é travada com o clima agreste nordestino de longos períodos de estiagem, em **Era um poaeiro**, o trabalho dos sertanejos se dá no período chuvoso e é em meio às tempestades e trovões que esses seres buscam o sustento da família e sonham com uma vida melhor. Enquanto de um lado, os personagens são tragados pela força da seca e miséria na busca pela sobrevivência, do outro eles resistem e dominam o meio natural em busca de uma vida digna.

Outro ponto que estas narrativas nos permitem refletir é o regime das autoridades na época. Em **Vidas Secas**, o personagem Fabiano é preso pelo soldado amarelo que o afronta apenas pelo fato dele ter deixado a bodega sem se despedir, vindo de alguém simples, sujeito rude do sertão, para ele fora uma afronta e o joga na cadeia injustamente. Como representante do governo ele se sente no direito de humilhar pessoas menos favorecidas. Este fato nos remete a uma crítica ao governo da época e o abuso por parte de seus representantes, o que fica explícito no seguinte trecho: “E aos conhecidos que dormiam no tronco e agüentavam

cipó de boi oferecia consolações: -” Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”(RAMOS, 2012, p.33).

No romance alfrediano o episódio de crítica às autoridades é expresso no momento em que o personagem Poconeano se envolve em uma confusão com outros poaeiros em alta madrugada e é preso pelo subdelegado. A forma em que ele é encontrado nos permite uma visão de escravização:

A casa do tronco ficava ali perto. Era uma casa velha, paredes de pau a pique, mal barreadas, piso de terra, todo esburacado. No quarto da frente estava o Poconeano, estendido no chão sujo, o tornozelo preso no tronco, dormindo, a boca aberta, a perna esquerda encolhida, a roupa manchada. O tronco era uma grossa viga de peúva, toscamente lavrada e serrada ao meio, sendo as duas metades sobrepostas e seguras numa extremidade por forte dobradiça e na outra por grosso cadeado. Tinha cinco furos nos quais ficavam seguras as pernas dos presos. (MARIEN, 2008, p. 55).

Diferente do período romântico, no regionalismo realista a figura do homem enquanto ser aparece para representar a decadência social, o personagem representa toda a classe, de acordo com o que sugere Donald Schuler na obra **Teoria do romance** (2000), no período romântico, os títulos das obras buscavam enaltecer o homem tornando-o o centro das atenções e sob este ponto de vista, o autor destaca romances como **Inocência** e **Iracema** em que o título se refere à protagonista.

Já no regionalismo de acordo com as obras estudadas, a figura do homem vem projetada pela submissão dos fatores naturais, sociais e psicológicos em que este se encontra. O título **Vidas secas** metaforiza os conflitos enfrentados pelos retirantes, essa seca está em um sentido muito mais interior do que físico inferindo às condições de vida dos personagens. **Era um poaeiro** já nos dá ideia que a obra relatará algo (poaia/poaieiro) que já não existe mais. Este título nos remete a pensar que o poaeiro é alguém que ficou no passado e faz pensar na desvalorização que este tinha diante do mundo social, pois quando Brasilino é assassinado pelas mãos de Gonçalo, as pessoas que ali estavam perguntam o que aconteceu e alguém responde: “– Não é nada... Era um poaeiro... Um rapaz do Rosário... Já morreu...” (MARIEN, 2008, p.181).

Vimos que as pessoas vêem esta cena com desdém, para eles o poaeiro era apenas mais um. Por outro lado apesar desta cena reforçar a imagem do anonimato e impessoalismo no trato com o ser humano, o autor da fala citada não é identificado. Diferente do personagem

que morre nomeado, Brasilino, visto como a configuração do homem brasileiro na época entre o atraso e o progresso, sua morte representa a perda de identidade desse povo, com os avanços e desenvolvimentos, a figura do sertanejo vai pouco a pouco sendo esquecida, é um Estado em atraso que vai deixando de existir e o fim da extração da poaia que será substituída pelos avanços econômicos e tecnológicos.

Alguns pesquisadores estabelecem uma relação na obra **Era um poaeiro** entre a civilização do Estado de São Paulo e a primitividade do interior mato-grossense e enxerga a área rural como destruidora, principalmente das relações humanas. O que observamos neste romance é a intencionalidade de demonstrar a tensão entre o campo e a cidade e os conflitos enfrentados pelos poaeiros diante deste contraste, a forma como eles encaram e como são projetados diante deste espaço.

II. Fabiano e Brasilino, Uma relação entre os personagens sertanejos no regionalismo

Para compreendermos como ocorre a projeção do sertanejo na literatura brasileira tomamos como base uma leitura crítica dos personagens Fabiano e Brasilino dos romances **Vidas Secas** e **Era um poaeiro** respectivamente. Ambos vivem no sertão em condições difíceis, considerado o meio em que os personagens se inserem. Fabiano é a caracterização do sertanejo nordestino que convive com a seca, condições de vida precária, injustiças e desigualdades, apresentando conflitos consigo mesmo e o ambiente em que está situado. Enquanto Brasilino representa a figura do sertanejo mato-grossense que por sua vez, também convive com situações precárias nas densas matas de poaia juntamente com seus companheiros em busca de melhores condições.

Sob esta perspectiva consultamos Massaud Moisés em **Criação Literária** (1997), o qual destaca que os personagens do romance são “pessoas” que vivem dramas e situações bem próximas do ser humano, através da ficção podemos compreender sobre fatos históricos que ocorreram há muito tempo o que nos remete à importância do estudo não somente da literatura atual como também uma viagem aos cânones, devido sua significância para maior compreensão da humanidade. Além disso, os personagens romanescos nos permitem uma reflexão em relação à complexidade humana pelas suas dúvidas, conflitos e a maneira de encarar os obstáculos.

Na esteira do que pensa Massaud Moisés, compreendemos o personagem Fabiano por viver em um mundo isolado, não consegue ter domínio sobre este meio, é dominado e tragado pela força da natureza, das opressões e injustiças. Quando surge alguma dificuldade ele não sabe como encará-la, seja por intermédio de palavras ou atitudes, suas condições de vida o torna um sujeito rude e seco sem perspectivas de mudanças. O personagem é conformado com sua situação tendo como desejo apenas a sobrevivência em meio à seca, a miséria e os duros caminhos que tem de percorrer, sempre priorizando a fuga do que o enfrentamento.

Vimos que não há diálogo entre Fabiano a esposa e os filhos, os componentes da família são isolados cada um em seu próprio mundo interior. Sinhá Vitória não se conforma com a vida miserável que leva e sonha com futuro melhor. O filho mais novo nutre grande admiração pelo pai e sonha um dia ser como ele, já o menino mais velho é curioso em relação às palavras e sente falta de alguém que lhe dê respostas para tantas perguntas, pois na tentativa de conversar com os pais eles não conseguem se expressar, as respostas são sempre grunhidos e quando insistia levava cocorotes, o que o deixava ainda mais indignado.

Brasilino, o protagonista do romance mato-grossense, busca melhorias de vida e meios de sobrevivência e é por esta razão que se embrenha pelas matas de poaia encarando todas as dificuldades, na tentativa de dominar a força da natureza mesmo consciente de todo perigo que esta apresenta. Este personagem, ao contrário de Fabiano, tem perspectivas e sonhos:

Se corresse bem, a poaia tendo bom preço, no fim da safra, em março ou abril, poderiam enfim realizar os seus desejos. Ficariam algum tempo, talvez alguns anos, com a velha, ajudando-a a criar os pequenos. Depois iriam fundar um sítio novo, no sertão, lá pelas bandas do Taira Sentido, onde havia boas terras devolutas, completamente desertas. (MARIEN, 2008, p.30).

O jovem poaeiro não espera que as coisas simplesmente aconteçam, ele luta pelos seus objetivos colocando sua família e a noiva sempre em primeiro lugar. A colheita de poaia é a sua escolha seguindo a tradição de pai para filho, é deste meio que ele tira seu sustento e pode planejar um futuro melhor, embora de uma maneira também complicada, pois o tempo em que ficam acampados na mata, os poaeiros estão vulneráveis às chuvas, doenças e insetos além do risco de nunca mais voltarem para suas casas e aos seus entes queridos. Podemos observar que os poaeiros encaram essas barreiras de uma forma mais harmônica e não com o pessimismo representado por Fabiano em **Vidas Secas**. Eles têm formas distintas de encarar o seu meio, enquanto Fabiano culpa as circunstâncias da natureza e vê o sertão como seu maior inimigo pronto para devorá-lo, Brasilino adentra as matas de poaia determinado a dominá-las.

Tanto em **Vidas Secas** como em **Era um poaeiro** vimos que há a presença de animais que apresentam características humanas, no primeiro romance a cachorra baleia é vista como mais humanizada do que os personagens, pois ela tem a capacidade de pensar e possui sentimentos, é solidária na tentativa de encontrar comida para seus donos e contentar-se apenas com os ossos. Baleia é descrita na obra de uma forma mais sutil que não condiz com características de um animal: “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.” (RAMOS, 2012, p. 86). Através desse fragmento podemos observar essa relação entre homem e animal como se neste mundo em que os personagens viviam não houvesse diferença entre eles, pessoas e animais são vistos da mesma forma. Porém, nesta narrativa a cachorra tem um nome enquanto os filhos de Fabiano são designados apenas como “menino mais velho” e “menino mais novo”, daí o fato de Baleia ser considerada humanizada.

Mesmo considerando a cachorra como membro de sua família, Fabiano não hesita em sacrificá-la quando percebe que ela está doente e sem forças. Esta atitude do personagem nos remete a ideia mais uma vez da dificuldade enfrentada por ele em lidar com os obstáculos que surgem em seu caminho, do seu ponto de vista, Baleia já não serviria mais pra nada por isso resolve se livrar dela. Diante da morte a cachorra tem atitudes humanas, chega a pensar em morder seu dono, mas logo vê que não seria justo já que nascera perto dele e estava sempre em sua companhia no trabalho com o gado. Ela pensa em tudo que viveu com esta família, sonha em acordar feliz em um mundo cheio de preás. Enquanto é projetada a desumanização no personagem principal, Baleia em seu papel animal é considerada a mais humanizada dentre os personagens na obra.

Um ponto que podemos destacar como relevante em relação ao animal de estimação é o momento em que ela caça um preá e ao voltar com o focinho todo ensanguentado, Sinhá Vitória a beija e lambe aquele sangue, vimos que em toda narrativa este é o único gesto de afeto que ocorre entre os personagens, em nenhum momento é possível presenciar este carinho entre Fabiano, a esposa e os filhos, ou seja, Sinhá Vitória tem sentimentos, mas a única que poderia receber e reconhecer isso seria Baleia que se sobressai diante dos personagens humanos.

No romance mato-grossense *Brasilino* demonstra um grande apreço pelos seus animais de estimação, o cavalo Rosilho e o cachorro e amigo fiel, Guará. Eles estão sempre em sua companhia, assim como Fabiano, *Brasilino* também consegue conviver melhor com os animais do que com os humanos:

Uma grande amizade prendia *Brasilino* ao seu cão e ao seu cavalo. O Rosilho era lembrança do pai, que lhe dera ainda potrinho, todo cheio de bicheiras. Com muito trabalho e carinho, *Brasilino* conseguira salvar o potrinho que se tornara um bom cavalo manso e valente. Quanto ao Guará era de uma fidelidade comovedora. Acompanhava-o por toda parte, ficando longas horas a olhar para ele, como se *Brasilino* fosse um deus. (MARIEN, 2008, p. 37).

Para o personagem, Guará também fazia parte da família além de ser um companheiro inseparável, em sua astúcia de sertanejo a maneira mais fácil de reconhecer os amigos era observar a maneira como estes tratavam seu cachorro, e dessa forma, Guará também conseguia identificar quem realmente era amigo de seu dono. Podemos destacar que neste

romance também há a humanização dos animais como se estes fossem capazes de pensar e nutrir sentimentos. Guará se mantém fiel mesmo diante da morte de Brasilino, pois lambe o sangue que escorre de sua boca e fica o tempo todo ao seu lado: “E sobre a sepultura de Brasilino, só ficou o Guará, o focinho enterrado na terra fresca.” (MARIEN, 2008 p. 182). Podemos notar que o autor retrata nos animais a sensibilidade que falta no homem, esta é expressa apenas na atitude do animal que em nenhum momento se afastou de seu dono. Em um mundo em que os seres humanos priorizam o materialismo, em meio às durezas enfrentadas pelos poaeiros o animal representa os sentimentos esquecidos desse povo.

Mediante o que estudamos é possível dizer que um dos fundamentos da literatura é proporcionar ao leitor uma compreensão maior do mundo e de si mesmo. De acordo com Edward M. Forster (1998), através dos romances é possível conhecer as pessoas perfeitamente, além de ser uma leitura prazerosa, é capaz de proporcionar uma visão da vida com maior clareza. Nas narrativas estudadas observamos que ambos são narrados em terceira pessoa, o narrador descreve os personagens e o espaço de uma forma que o leitor consegue enxergar o que se passa como se ele estivesse vivenciando aquele momento, mergulhando assim na alma dos personagens e revelando seus mais profundos sentimentos. Neste sentido, é possível associar ao que ensina Antonio Candido no livro **A personagem de ficção** (1998), ressaltando que o leitor se identifica com o personagem da obra de tal forma que é capaz de se sensibilizar com as experiências dele, reconhecendo um lugar sem mesmo nunca ter estado lá, levando-o a enxergar um mundo social totalmente diferente do seu.

Nos romances **Vidas Secas** e **Era um poaeiro** vimos que os personagens principais não mantêm as mesmas características do início ao fim, no decorrer da narrativa eles apresentam mudanças relevantes a ponto de surpreender o leitor. Embasado no que discorre a teoria de Edward M. Forster, tanto Fabiano quanto Brasilino são considerados personagens redondos, apresenta uma vida interior e no decorrer da narrativa mudam diante das circunstâncias, ou seja, existe uma densidade psicológica que os envolvem.

Podemos tomar como base a atitude de Fabiano, o sertanejo nordestino, que na tentativa de ser visto com outros olhos ensaia palavras consideradas por ele bonitas, inspirado no senhor Tomás da Bolandeira, como no momento em que o soldado amarelo o convida para jogar um trinta e um, ele se embaraça e responde: “–Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.” (RAMOS, 2012, p.28). Estas atitudes do personagem evidenciam que ele pode ser classificado como personagem redondo.

Para ele somente quem detinha o poder do conhecimento da leitura é que conseguiria se livrar das situações complexas que a vida lhe impunha. Quando vai preso pelo próprio

soldado amarelo, Fabiano fica indignado com esta atitude, tenta reagir, mas percebe que de nada adiantaria lutar, ele não seria aceito nesse mundo. No momento em que os dois novamente se cruzam um ano depois da prisão injusta de Fabiano, seu primeiro plano é a vingança, mas em uma confusão de pensamentos mesmo vendo o terror que ele causou no soldado, o personagem se sente incapaz de fazer mal a outro ser principalmente a uma autoridade: “Irritou-se. Porque seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? Não via que ele era incapaz de vingar-se? Não via? Fechou a cara.” (RAMOS, 2008, p. 103).

Além disso, o personagem apresenta conflitos internos e sofre por não conseguir se posicionar na vida, ora se vê como homem logo depois afirma pra si mesmo que é um bicho. Outro ponto que podemos destacar como marca dessa característica do personagem redondo, é no capítulo intitulado “Fuga” em que Fabiano se mostra mais otimista, dialoga com sua esposa diante da insistência dessa em querer dividir suas dúvidas e sonhos e ele chega até a elogiá-la e juntos fazem projetos para o futuro deles e dos filhos.

Brasilino, o sertanejo mato-grossense, apresenta traços também de um sujeito honesto e íntegro, mas que por este representar a humanidade também apresenta falhas. Ele sente a consciência pesada em deixar que os companheiros apossessem dos bens deixados pelo companheiro que foi devorado pela onça. No momento que sucede a morte de Elpídio e os demais poaeiros disputam quem ficaria com o dinheiro do companheiro, vendo que a discussão estava tomando um rumo perigoso e reconhecendo o perigo desta, Brasilino se manifesta:

-Quem tem razão é o seu Chico. Como ele ia dizendo, aquele serviço era do Elpídio...O Elpídio morreu, mas ele tem família...Tudo o que ele deixou, tudo pertence à família dele, é claro...E aquela poaia também...Desde que não posso ir eu mesmo, quem vai tirar essa poaia é o Bojuí, que depois levará a importância, com os trastes do Elpídio, para a viúva. E pronto!...(MARIEN, 2008, p.144)

Outro momento que podemos ver essa mudança do personagem ganhar força é no capítulo intitulado “Trato é trato”, quando o valor da poaia se eleva além do que era taxado para os poaeiros receberem, Brasilino se vê tentado a agir como os outros patrões pagando apenas o combinado e ficando com a diferença, ele tem pensamentos ambiciosos e egoístas: “Quem tem dó dos outros nunca fica rico... Deixe os outros que se danem, contando que você fique rico...” (MARIEN, 2008 p. 124).

Através desse fragmento vimos que o personagem tem suas fraquezas o que demonstra o lado humano desse ser. Mas ao mesmo tempo ele sente o peso na consciência reconhece que esta atitude não seria correta e afirma para seus companheiros que continuaria rachando a diferença, ou seja, ele mantém seu comportamento e seu caráter. Massaud Moisés ao se tratar de personagens redondas ressalta que estes são capazes de surpreender o leitor de maneira convincente. Cabe destacarmos que ambos os personagens recortados para estudo apresentam esses aspectos de mudança no decorrer do enredo, seja pela tentativa de sobrevivência em seu espaço ou pela presença de dramas e conflitos interiores.

Diante disto, vimos que esses personagens são moldados pelo ambiente ao qual pertence, Fabiano se torna seco e rude porque é esta a única alternativa que ele tem de sobreviver se adequar ao seu meio, mesmo inconformado com a situação e culpar a natureza, ele não tem outra opção. Por sua vez, Brasilino escolhe a vida de poaeiro embora consciente dos obstáculos que esta pode proporcionar, é ali no meio do sertão que ele se sente bem, em meio ao silêncio e em contato com a natureza. Enquanto este personagem sente sua liberdade, o sentimento que Fabiano nutre pelo seu meio é de aprisionamento do qual ele não consegue se libertar.

O nome dos personagens desses dois romances são nomes comuns, “Brasilino” um nome bastante sugestivo que nos dá indícios de ser a representação do homem brasileiro que em meio ao progresso e avanços tecnológicos traz em si os traços da cultura conservadora mato-grossense. Traços estes que foram apagados com a chegada de novos povos, o personagem é a figura do homem que trabalha, luta, encara as dificuldades de forma honesta, com esta criação o autor busca resgatar a identidade desse povo.

O personagem do romance sertanejo **Vidas Secas** também tem um nome simples, o que nos faz pensar que este pode ser qualquer pessoa, já que o nome é um elemento de grande importância na caracterização do ser ficcional. “O nome da personagem funciona frequentemente como um indício (...) como se a relação entre o significante (nome) e o significado (...) fosse motivada intrinsecamente” (AGUIAR e SILVA 1994, p. 704). Através dessa citação podemos compreender que o nome diz muito do personagem, além disso, ambos não têm sobrenome o que nos remete a seres comuns, que levam uma vida simples ficando assim às margens do mundo social. Hilda Magalhães (2002) relata que nome dos personagens consiste ainda em dar a eles uma existência como também definir sua identidade, além de nos permitir reconhecer a que meio social este pertence.

Tomando como base o nome do personagem intitulado “Brasilino” vimos que é bastante sugestivo a se pensar na caracterização do homem brasileiro, mais especificamente o

mato-grossense do interior, através dele podemos reconhecer os traços característicos da região, nos aspectos físicos, sociais e culturais.

Notamos que nestas duas narrativas em estudo, o primeiro capítulo evidencia toda a transição dos personagens. Em **Vidas Secas** intitulado “Mudança” relata a vida nômade da família de retirantes, eles estão saindo em busca de um lugar onde a seca esteja menos violenta, nos dá ideia de que essa mudança é algo que vai se repetir no momento em que eles terão que se deslocar novamente para sobreviver à seca que corrói o sertão nordestino. O romance Alfrediano tem início com “Partida” o capítulo que mostra a despedida de Brasilino e sua família, seu objetivo é ir para a colheita de poaia em busca de recursos financeiros, ou seja, essa partida não é algo definitivo, pois terminando o período da colheita ele retornará. Podemos ver o contraste entre essas duas situações do sertanejo nordestino e do mato-grossense.

Com a criação do personagem sertanejo, surge uma identidade para o povo do interior, uma figura com características humanas que sofre, luta, rejeita e se preocupa com a sobrevivência, mostrando a realidade dessas pessoas de todos os ângulos, não apenas daquele em que há a valorização e revelação apenas do lado positivo, o que se refere a uma visão mais próxima daquilo que é real. O sertão deixa de ser visto apenas como espaço geográfico e se amplia representando os seres que o habitam como também toda a classe menos favorecidas do meio rural.

Nos romances recortados nessa pesquisa, podemos ver os traços de exploração que esses personagens sofrem. Em **Vidas Secas** o protagonista da obra trabalha arduamente e quando chega o momento de receber, o patrão sempre lhe trapaceia, pois sabe que o vaqueiro não tem domínio das letras ou dos números. Ao procurar sua esposa, esta confirma que as contas do patrão estão erradas. Fabiano questiona o patrão por esse equívoco e se sente injustiçado diante dessa situação:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria. (RAMOS, 2012, p.94).

Fabiano embora inconformado ao questionar o patrão, é ameaçado de ser expulso da fazenda, por esta razão ele se recolhe ao seu lugar de subordinado, pedindo desculpas e mais

uma vez se sente incapaz de tomar qualquer decisão, acreditando que este era seu destino, não haveria alternativa. Essa representação do personagem nos faz refletir sobre o caráter exploratório em que de classes inferiores estão submetidas, cercados por humilhações e em um espaço em que as leis e o governo só serviam para mostrar-lhes que não cabiam discutir ou questionar, apenas obedecer e se conformar com a vida “insignificante” que levavam, privando-os de buscar seus direitos. De tanto ser tratado de forma desumana é que Fabiano se enxerga como bicho e não como homem, também se quisesse sobreviver teria que se adaptar a esse seu mundo restrito e animal.

No romance *Alfrediano* o termo exploração é apresentado também pelos patrões que lucravam com o trabalho árduo dos poaeiros, pois mesmo o valor da poaia estando em alta muitos deles continuava pagando o valor taxado e ficando com a diferença, além de roubarem no peso e não havia lei que pudesse regulamentar isso, a justiça era feita pelos próprios. Como podemos ver no diálogo entre Brasilino e Filipe ao encontrar um poaeiro novato que, para salvar sua vida acabara de assassinar seu patrão: “– Que acha?... – Acho que está certo... – Certo como?... – 44 Justiça de Mato Grosso!..” (MARIEN, 2008, p.156). Brasilino por sua vez mesmo tentado a fazer o que os outros chefes de comitivas faziam, ele não trai seus companheiros.

Conforme explicita Antonio Candido (1968) ao falarmos em personagem, pensamos consequentemente na vida que estes levam, nos problemas por eles enfrentados e seu destino de acordo com o ambiente em que estão enredados. Fabiano na sua constante luta para não morrer de fome e sede é transformado no seu próprio meio, por conviver com a seca é que o próprio personagem se torna seco, rude, por não ter domínio da linguagem, aceita que sempre deve obedecer aos que se julgam superiores e pelo convívio constante com os animais é que ele também se animaliza. Esta é a forma que ele encontra de encarar o seu mundo e se identifica com os bichos que o rodeiam, até mesmo com o papagaio julgado mudo e inútil.

Já Brasilino busca sobreviver com o excesso de matas, chuvas e doenças, mesmo se sentindo pequeno diante da inimiga natureza, a necessidade o faz forte suficiente para enfrentá-la. Os poaeiros já estão acostumados com a vida dura neste ambiente. No capítulo que trata da morte de Elpidio, devorado pela onça, é possível observar que o relato do personagem Tio João denota que esse tipo de episódio é comum no mundo dos poaeiros:

Achamos primeiro o saraquá e logo encontramos o corpo, todo embolado, já meio comido... É onça. O rastro dela até que não é grande. Deve ser parda...

Bom agora vou tomar meu guaraná...? Quer fazer?...Isto são coisas que acontecem... (MARIEN, 2008, p.143).

Conscientes do espaço opressor em que ocupam é que esses dois personagens sertanejos buscam meios de adaptação para que possam sobreviver. Fabiano não consegue vencer e se rende à força da natureza e da sociedade. Para não morrer o personagem foge, mas no fundo sabe que ele e seu espaço estariam sempre interligados como se um dependesse do outro para existir. Brasilino demonstra determinação em travar batalhas com as forças naturais e isso se dá com o desmatamento da poaia. O poaeiro pode ser considerado como o homem batalhador que luta enfrentando os desafios, mas que nem sempre é vencedor.

O personagem Brasilino demonstra facilidade em lidar com as situações delicadas como no momento em que o fiscal da poaia aparece alegando precisar falar com ele a respeito do desmatamento e a importância de preservação dessas matas, demonstrando interesse no assunto, o personagem sertanejo explica ao fiscal seus motivos:

- O senhor vai fazer roça?
- Roça, aqui por quê?
- Por causa dessa derrubada. Não sabe que é proibido?
- Ora!...Sei sim!... Quem é que não sabe?...
Mas o senhor não está vendo que a gente não pode viver aqui sem um pouco de luz?
- Não tenho nada com isso. O que eu sei é que a lei não permite que se derrube uma árvore sequer nesta mata. (MARIEN, 2008, p.85)

A discussão entre eles começa tomar um rumo perigoso e é interrompida pelo personagem Tio João que oferece ao fiscal um guaraná, um ato bastante recorrente nesta narrativa, uma tradição do Estado, tanto que é feita uma comparação que o guaraná é para o mato-grossense como o chimarrão para o gaúcho. A partir deste momento eles começam uma conversa mais amigável. Em **Vidas Secas** é possível destacar que o personagem Fabiano não consegue se sair bem diante de situações como esta, ele não consegue dominar a linguagem, por esta razão não tem argumentos, limitando-se a apenas obedecer, quando questiona é de forma ignorante, pois é esta a única maneira que ele domina, e sempre se retrai por ter consciência que a sociedade dominante não faz parte do mundo dele.

Para Ligia Chiappini (1995) a intenção das escritas regionalistas é aproximar o leitor da cidade com a realidade da vida no meio rural, proporcionando a este não uma visão preconceituosa, mas de respeito e sensibilidade com as diferenças culturais e sociais além de compreender a humanidade que esses personagens transmitem. Pois em um período de modernização e de uma sociedade capitalista que surge nos grandes centros urbanos, a classe composta por pessoas que vivem às margens desse progresso são esquecidas e o regionalismo busca justamente resgatar uma visão voltada para esses seres.

Enquanto nos grandes centros havia essas transformações apresentando uma sociedade moderna e desenvolvida, nas regiões mais afastadas encontravam-se aquelas pessoas mergulhadas em uma vida precária, submetidas às calamidades existentes em seu espaço, sendo dominado pelas classes de maior destaque. O que nos remete a pensar que embora esses avanços trouxessem benefícios Este período busca compreender a dimensão humana dos seres que vivem no interior, isolados, vítimas de preconceitos e explorações. Os personagens Fabiano e Brasilino ocupam espaços diferentes sob um olhar geográfico, mas ambos sofrem as consequências em lutar contra o seu meio e enfrentam inúmeros obstáculos. Em meio a tantas transformações esses seres não estão preparados para viver nesse novo mundo que surge juntamente com o progresso, mudanças culturais e sociais. para uma parte da população, havia outra parte que sofria as consequências. Por esta razão os autores pertencentes ao período regionalista buscam destacar os dois lados da modernização.

As narrativas **Vidas Secas** e **Era um poaeiro** enfatizam a vida de personagens que estão longe do mundo socialmente avantajado, sofrendo preconceitos, injustiças, opressões e como o meio em que eles estão enredados permite seu destaque na obra literária, apresenta assim não somente o ser individual, como também uma reflexão a toda sociedade, proporcionando ao leitor outro olhar sobre as classes menos favorecidas, neste caso, o sertanejo.

I.II. Do regionalismo ao Universalismo

O regionalismo apesar de ser considerada por alguns críticos uma tendência ultrapassada na história da literatura, ela não deixa de ser um tema atual sendo possível notar sua presença nas obras contemporâneas. Surgiu no período Romântico com os autores que buscavam a exaltação e grandiosidade da pátria, no Realismo, ocorre a desmistificação da idealização formada no Romantismo pelo fato dos autores realistas buscarem destacar em suas obras, algo mais próximo da realidade. O período romântico foi caracterizado pela busca de um nacionalismo e manteve uma visão de mundo voltada para o individual com ênfase na idealização de uma pátria perfeita na tentativa de fugir da realidade, outra de suas características é a valorização da emoção e a natureza era vista como uma forma do eu lírico expressar seus sentimentos.

Já no período realista os autores priorizaram a retratação da vida, os problemas e costumes enfrentados pela classe média e baixa. A intenção desse movimento era descrever a realidade sem distorcer ou ocultar os fatos, além de representar através dos personagens os aspectos negativos do ser humano. Contudo, é no Modernismo que a tendência regionalista ganha maior destaque, esse período compreende apresentar a relação dos seres com seu espaço físico e social o que desencadeia desigualdades, conflitos e a complexidade humana. Antonio Candido (2002) pontua que:

Convém assinalar que a literatura brasileira no século XX se divide quase naturalmente em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1935. A primeira etapa pertence organicamente ao período que se poderia chamar Pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922, enquanto as duas outras integram um período novo, em que ainda vivemos: sob este ponto de vista, o século literário começa para nós com o Modernismo. (CANDIDO, 2002, p. 112).

É neste momento que surgem autores buscando destacar os problemas enfrentados pela sociedade moderna, em meio a tantos avanços, existe aquela pequena parte da humanidade que não consegue acompanhar essas transformações, torna-se assim esquecida e vive às margens do progresso em condições de calamidade. O regionalismo tem destaque na modernidade por enfatizar essa humanidade, as classes marginalizadas e os conflitos enfrentados através dos personagens em contraste com os grandes centros urbanos apresentando narrativas voltadas para o engajamento político, social e cultural. Com essa

constante evolução que a tendência regionalista atinge a universalidade por estar relacionada não somente a fatos isolados, mas por tratar de temas que atingem toda sociedade seja ela dos grandes centros ou de localidades isoladas.

Ligia Chiapinni (1995) discorre que o regionalismo não abrange somente determinada localidade de uma região ou do país, pois este se faz presente também fora do Brasil. Ela ressalta que é possível encontrar características deste fenômeno em diversos textos literários, mesmo de forma implícita por parte dos autores, desta forma, podemos considerar tal tendência universal. O regionalismo tem o foco voltado a representar as classes que vivem às margens da sociedade, dando ênfase nos conflitos vividos pelos personagens, suas lutas, angústias e a busca de compreender a si mesmo destacando o comportamento destes perante o espaço em que estão projetados diante da sociedade moderna.

Ao se referir ao termo “sertão”, imaginamos um local predominantemente seco, de sol escaldante em que há a forte presença da miséria, fome e condições precárias, pensamos especificamente na região nordestina, assim como ocorre no romance brasileiro, **Vidas Secas**. Já a obra **Era um poaeiro**, vem nos mostrar outra concepção sobre o termo, destacando a vida dos poaeiros que vivem em meio ao sertão mato-grossense, mas esta, ao contrário do romance de Graciliano Ramos que enfatiza a luta dos personagens contra a seca e a pobreza, destaca a riqueza das matas de poaia e a dificuldade dos poaeiros na busca de sobrevivência em meio às chuvas e os perigos enfrentados. Podemos compreender que o “sertão” não se refere somente à vida sofrida no Nordeste, mas se faz presente em outras localidades do país. Com ênfase no distanciamento dos grandes centros, também do litoral.

As narrativas que visam o destaque do sertão e do sertanejo são designadas regionalistas. Em relação ao que discute Claudio Marcio da Silva (2013), os romances considerados regionalistas geralmente correspondem à região nordestina, tendo algum destaque também o sertão mineiro e região Sul que retrata o sertão Gaúcho, regiões estas marcadas pelo subdesenvolvimento, enquanto as demais regiões como o Centro Oeste aparecem pouco nas obras literárias. Alfredo Marien através de sua escrita proporciona ao leitor uma aproximação dessa região pouco conhecida, contrastando com a narrativa de Graciliano Ramos que por sua vez aponta as características já esperadas do sertão nordestino.

Podemos enfatizar que a tendência regionalista não ficou parada em determinado lugar no tempo como afirmam alguns críticos, pois ao se tratar do regional a ideia que temos é que este descreve apenas uma região, os costumes, a linguagem ali encontrada retratando a historicidade local. Através dos romances recortados para estudo é possível perceber que o regionalismo vai além da descrição do espaço, buscando resgatar as culturas, as dificuldades e

opressões de regiões que vão sendo esquecidas diante do movimento progressista. Estes romances tendem articular os personagens no campo literário não sob uma visão preconceituosa, mas a forma como este ser ficcional é moldado pelo espaço que ocupa, e a contribuição deste para a formação humana.

O regionalismo embora tenha surgido no período romântico, é no Modernismo que ele tem maior destaque por parte dos autores que focaram no sertão nordestino. É a partir deste momento que surgem grandes obras dessa tendência na literatura brasileira que preconizam não somente a valorização da terra e o destaque para as diferenças regionais como também, a forma que estas narrativas apresentam um envolvimento político que representa toda a sociedade marginalizada.

Cabe a nós ressaltarmos que nas obras consideradas regionalistas **Vidas Secas** e **Era um poaeiro** recortadas como objeto de estudo, os personagens são configurados de acordo com o seu meio, tanto Fabiano quanto Brasilino vivem conflitos impostos pelo ambiente que ocupam. Duas regiões distintas, de um lado Fabiano, o sertanejo nordestino que é um sobrevivente do sertão, enfrenta a seca e as durezas que a vida lhe impõe, sem o domínio da linguagem e por todos os problemas que o envolvem, ele se limita a condição animal para sobreviver. Na região Centro-Oeste, especificamente no sertão mato-grossense, temos o personagem Brasilino que enfrenta as densas matas de poaia em busca de sustento, em meio à exploração, doenças, bichos e chuvas. O personagem se mostra forte e determinado a dominar esse espaço embora consciente dos riscos.

É possível afirmar que ao se tratar da tendência regionalista devemos considerar as diferenças que ocorre dentro do próprio país como em qualquer parte do mundo, pois o regional não se faz presente somente em determinada região ou época dentro da literatura, sempre haverá o contraste entre meio rural e urbano representando as diferenças sociais, culturais e históricas visto que esses espaços são configurados de formas diferentes. Maria Luiza Berwanger da Silva afirma que:

Assim, e sempre se ancorando nas relações homem/terra, o regional dá a ver um percurso que é, pelo menos, duplo: a história literária nacionalista traçada por certos manuais, a abordagem dilatada do regionalismo superpõe um outro percurso, liberado do tempo e do espaço e que atravessa limites geográficos, textuais e culturais, territorial e extraterritorial, ao mesmo tempo, este eixo duplo imprime um ritmo que modula, antecipando, a passagem da pequena província à “província mundi”. Portanto, espaço privilegiado com o qual a Literatura Brasileira tece o prazer da invenção

estética e cultural, o regionalismo encontra sua completude nessa eterna busca de ultrapassagem [...] (SILVA, 2010, p.88).

Dessa forma vimos que a relação homem/terra sempre existiu e sempre existirá e vai além do espaço geográfico. Através das obras que compõem o período regionalista, tomando como base os dois romances em estudo, podemos dizer que a presença do personagem sertanejo na literatura moderna vem como forma de reflexão, pois estes podem representar a vida de muitas pessoas. Podemos enfatizar essa afirmação através do nome do personagem Alfrediano, “Brasilino” que é configurado pelo conceito do homem brasileiro, seus costumes, tradições e conflitos em seu mundo externo e interno, sua representação através do sertanejo mato-grossense condiz com todo povo brasileiro e não somente com o indivíduo em si. Conforme discute Eneile Santos Saraiva:

[...] apreender-se-á o regionalismo de forma atemporal e passível de ocorrer em diversas obras da literatura já que, como corrente literária, ao contrário do que muito se pensa, o regionalismo não se esgotou e nem é sinônimo de falta de universalismo. (SARAIVA, 2009, p.09).

É possível afirmar que há a possibilidade do leitor de qualquer parte do mundo se identificar com esses seres ficcionais, pois estes traduzem a realidade daqueles que convivem com as desigualdades, opressões, explorações e que se sentem deslocados da sociedade “civilizada” seja através de leituras dos cânones ou mesmo de uma obra pouco conhecida como é o caso do romance Alfrediano.

Para alguns estudiosos do regionalismo uma obra literária tem o objetivo de promover ao leitor o conhecimento de si mesmo e do mundo, por esta razão não podemos dizer que essa corrente atinge apenas uma região ou um indivíduo, ela é possibilitada a toda humanidade. Neste período o homem que vive no meio rural, isolado do desenvolvimento dos grandes centros visto antes apenas como objeto, começa a ter destaque na literatura, tanto que nos romances **Vidas Secas** e **Era um poaeiro** os protagonistas são sertanejos. Através deles podemos compreender as tensões presentes na vida de qualquer ser humano em enfrentar seu espaço, lidar com as dificuldades e com decisões que precisam ser tomadas.

Sobre as obras que desencadearam a tendência regionalista os pesquisadores Benjamin Abdala Junior e Samira Youssef Campedelli (1999) ressaltam que: “As situações narrativas embora enfocassem uma determinada região, poderia se estender por todo país. A

visão crítica que aparece nessas produções tem em vista o caráter social, mostrando situações típicas do país.” (JUNIOR e CAMPEDELLI, 1999, p.207).

Alguns críticos do regionalismo têm um olhar preconceituoso sob essa tendência, pois para eles as obras desse período buscam ressaltar de forma pessimista as características do sertão, focando apenas neste espaço. No entanto, é válido sublinhar que questões como a fome, a miséria, as desigualdades sociais e culturais, exploração e condições de vidas precárias não são temas que atingem apenas a comunidade rural que vive isolada dos grandes centros, são assuntos abrangentes que ocorrem em qualquer região do país e do mundo, além de já ter destaque no campo literário. Conforme explicita Claudio Marcio da Silva (2013) na modernidade o que mais se torna evidente são as classes marginalizadas e a periferia. Os autores buscam centralizar esses temas de forma que o personagem tenha o papel de sujeito na obra permitindo reflexões sobre sua configuração no espaço e como isto é capaz de sensibilizar o ser humano, pelo fato da literatura dar essa possibilidade ao leitor de “... se situar em espaços e tempos dispersos, conforme use a imaginação.” (SILVA, 2013, p.16). Por esta razão podemos considerar a universalização do regional.

Através do estudo dos romances **Vidas Secas** e **Era um poaeiro** podemos perceber que os autores descrevem as peculiaridades locais tanto do sertão nordestino, quanto do mato-grossense. Cabe frisar que estas características são formas de situar o leitor naquele ambiente e permitir a relação entre espaço/personagem, como um depende do outro para ser projetado, apresentando assim através do ser ficcional uma visão social da realidade. Baseado no que aponta Antonio Candido (1999) entendemos que:

[...] o impacto maior sobre a crítica e o público foi devido a um tipo oposto de narrativa, o chamado “romance nordestino”, geralmente orientado por um realismo de corte naturalista e ancorado nos aspectos regionais. Portanto, foi até certo ponto uma retomada do regionalismo, mas sem pitoresco e com perspectiva diferente, pois o homem pobre do campo e da cidade aparecia não como *objeto*, mas, finalmente, como sujeito, na plenitude da sua humanidade. (CANDIDO, 1999, p.83).

Vimos que é com base no regionalismo que os personagens de classes inferiores passam a se re-configurar como sujeito nas obras literárias, permitindo maior compreensão ao leitor sobre a realidade desses seres e se identificar com as dimensões físicas, psicológicas e históricas que estes apresentam. Os romances da tendência regionalista moderna nos

apresentam um engajamento político e esse é um dos pontos que o diferem do período romântico. No momento em que os grandes centros estão passando por diversas transformações deixando evidentes as desigualdades sociais, neste contraste campo/cidade, se faz necessário dar certa atenção àquelas classes que estão às margens do progresso, sendo esquecidas e devoradas pelo seu espaço. Claudio Marcio da Silva (2013) ressalta ainda que:

Nessa ficção, marcadamente regionalista, diferentemente do Romantismo, as personagens entrarão em conflito com o meio natural e social em que vivem. A terra, vista frequentemente como hostil, violenta, superior às forças humanas, ressaltará a pequenez do homem em relação aos problemas que o ambiente lhe impõe. No cânone nacional, seu cenário será Nordeste decadente. (SILVA, 2013, p.23).

Tanto a narrativa de Graciliano Ramos quanto a de Alfredo Marien podemos observar que os protagonistas apresentam esses conflitos com o meio em que vivem. Fabiano, o sertanejo nordestino se animaliza para sobreviver em um espaço marcado predominantemente pela escassez de chuvas e misérias, no sertão mato-grossense, Brasilino lida com o excesso de chuvas, matas e bichos na luta pela sobrevivência. Em regiões totalmente distintas ambos sofrem as opressões sociais e as injustiças. Fatos estes que não são restritos a uma única região ou país, diante das nações mais desenvolvidas, as classes inferiores se sentem diminuídas. Dessa forma consideramos que isto é um fator muito positivo para desalienar a literatura vigente, se transformando numa grande contribuição à literatura enquanto forma de conhecimento de um país que não se olhava.

Podemos dizer que o regionalismo foi e ainda é uma tendência abrangente, qualquer ser humano é capaz de se identificar com os personagens Fabiano ou Brasilino ao enfrentar os problemas impostos pela sociedade ou do próprio meio que vivem, os fatores que compõem a configuração desses personagens são universais assim como as tensões diante do espaço de cada um, ou seja, aquilo que é universal ganha contornos diferentes de acordo com o ambiente em que o ser ficcional é projetado, apresentando características peculiares da localidade, por isto denominadas regionais.

O romance de Graciliano Ramos, **Vidas Secas** relata as condições de vida precária da família de retirantes, a luta contra a escassez de água, chuvas e comida, são fatores climáticos que influenciam no comportamento dos personagens, mas o que está em evidência é o ser humano diante das adversidades que lhes são impostas, a forma deles lidarem com os

conflitos em um espaço que os fazem sentir deslocados, o modo como encaram o progresso da sociedade capitalista e como conseguem sobreviver a todos esses embates.

Embora esta narrativa seja classificada como regional, cabe ressaltar que o autor aborda temas que não incluem somente a região nordestina, pois o foco deste romance é destacar a condição humana diante da precariedade e dos conflitos externos e internos. Podemos perceber que Fabiano mantém um constante embate contra o meio em que está situado, diante da sociedade, do patrão e até consigo mesmo, logo, é possível sublinhar que este romance vai muito além da descrição de um espaço regional, alcançando assim uma densidade psicológica que o leva ser considerado como uma narrativa universal.

Já o romance Alfrediano **Era um poaieiro**, ainda pouco conhecido, não temos uma definição abalizada de que ela seja regionalista, embora esta apresente traços bem característicos dessa tendência, por descrever minuciosamente a região do sertão mato-grossense demonstrando alguns aspectos típicos do Estado. Por outro lado, o autor também inclui nesta narrativa o personagem Brasilino em conflitos consigo próprio, com o progresso em uma região até então conservadora, diante do enfrentamento das densas matas de poaia, o excesso de chuvas, insetos e doenças, para sobreviver, ele precisa dominar este território, pois é onde extrai a poaia, que movimentava a economia do Estado na época.

Num viés diferenciado de interpretação desses dois romances, é possível identificar a forma que os autores frisam a humanidade em suas narrativas, a resistência dos personagens diante da natureza considerada como uma inimiga intragável e a capacidade que eles exprimem em superar seus limites diante desse espaço opressor e irrevogável. Perante estas constatações é que podemos considerar estes dois romances em um nivelamento universal, já que os autores não buscam apenas propagar a ambientação regional descrevendo a paisagem local, como também é possível encontrar nas obras manifestos sobre as desigualdades sociais, os conflitos e dramas dos personagens ao encarar seu mundo, uma luta constante entre o homem/espaço e sociedade.

Considerações Finais

Neste estudo buscamos refletir através de duas obras da Literatura Brasileira moderna como o sertão é configurado em duas regiões distintas sendo elas **Vidas Secas** de Graciliano Ramos que retrata o sertão nordestino com todo seu aspecto de seca, miséria e desigualdades e **Era um poaeiro** de Alfredo Marien que, por sua vez tem o enfoque para o interior mato-grossense em que o espaço é ambientado pelo excesso de matas e chuvas.

Por meio dessas reflexões podemos perceber o desencadeamento da tendência regionalista desde o período romântico quando ela surgiu, até o Modernismo em que este movimento ganha maior destaque no campo literário fazendo parte de diversas obras da literatura brasileira.

Embora o regionalismo seja considerado por alguns críticos uma tendência ultrapassada por pertencer aos cânones e enfatizar apenas o sertão, vimos através deste estudo que este período abrange muito mais do que o espaço geográfico, pois através dos personagens podemos refletir sobre os conflitos, as angústias, opressões, desigualdades e explorações que atingem a humanidade. Além disso, é possível observar a capacidade que estes têm de enfrentar as dificuldades geradas pelo seu espaço e superá-las em busca de sobrevivência.

Em suma, vimos que na tendência regionalista há um olhar voltado para as classes marginalizadas que vivem em contraste com o progresso da cidade e o atraso das áreas mais afastadas, o que ocorre não somente em determinada região, mas que busca tratar de assuntos que abrange toda humanidade.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol, PRADO, Decio de Almeida, GOMES, Paulo Emilio Sales. **A personagem de ficção**. ed. Perspectiva. São Paulo: 1998

_____: **Ficção e Confissão**. Ensaio sobre Graciliano Ramos. Ed. 34, Rio de Janeiro: 1992

_____: **Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária**. 8ª Ed. São Paulo: 2002

_____: **Iniciação à literatura Brasileira**. 5ª Ed. Humanitas, São Paulo: 1999.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Introdução geral. 7ªed. Rev. Atual, Global, São Paulo: 2004.

_____. **Introdução à literatura no Brasil**. 19ª Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2007.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. Tradução: Maria Helena Martins. 2ª. Ed. Globo, São Paulo: 1998.

JUNIOR, Benjamin Abdala; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**. Ed. Ática. São Paulo: 1999.

LUCAS, Fábio. **O caráter Social da ficção do Brasil**. Editora Ática S.A, São Paulo: 1987.

LUKÁČSKS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. ed. 34. São Paulo: 2000.

MACHADO, Assis de. **Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade**. Rio de Janeiro: 1994. Disponível em http://letras.cabaladada.org/letras/instinto_nacionalidade.pdf. Acesso em 25/10/2013

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Literatura e poder em Mato Grosso**. Coleção Centro-Oeste de pesquisas. Universidade Federal de Mato Grosso: 2002.

MARIEN, Alfredo. **Era um poaeiro**. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008.

MOISÉS, Leyla Perrone. **A criação do texto literário**. In Flores da Escrivantina. Ensaio. Companhia da Letras. São Paulo: 1990.

MOISÉS, Massaud. **O romance**. In. Criação literária. Ed. Cultrix. São Paulo: 1997.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 116ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Literatura e história – entre a ficção e a realidade**. Tangará da Serra MT, Ano 04, V. 04, Nº 04, 2011. Revista Alere.

SILVA, CLaúdio Márcio. **Dimensões do sertão em Era um poaeiro de Alfredo Marien. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra.** Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Literários. Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT. 2013

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. O romance: **História e sistema de um gênero literário.** In. **Teoria da Literatura.** 8ª ed. São Paulo:1994.

SCHULER, Donaldo. **Teoria do Romance.** Editora Ática. São Paulo:2000.

